



ABREU, Caio Fernando. **Morangos mofados**. Rio de Janeiro: Agir, 2005.

## **A JORNADA DO HERÓI ROMÂNTICO DE CAIO FERNANDO ABREU NO CONTO “ALÉM DO PONTO” PRESENTE NA OBRA *MORANGOS MOFADOS***

*Gabriella Machado Guimarães Firmino<sup>1</sup>*  
*Universidade Estadual do Rio Grande do Sul*  
*(gabriellafirmino@gmail.com)*

Caio Fernando Loureiro de Abreu nasceu na cidade de Santiago, no Rio Grande do Sul, em 12 de setembro de 1948 e desde pequeno já dava sinais de interesse pela leitura e escrita. Na juventude, ingressou nos cursos de Letras e Artes Cênicas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e se mudou para a capital, Porto Alegre, em 1963. Ao publicar em 1982, uma de suas maiores obras intitulada *Morangos Mofados*, Caio Fernando Abreu foi considerado um dos maiores escritores contistas do país.

A obra é um passeio pela deterioração, e como o próprio título traz, o mofo de uma geração que parecia destinada a não sonhar devido às circunstâncias políticas e sociais do Brasil em meados de 1970, onde o cenário era de resistência ao regime militar. Este “sonho falido” é o que caracterizou o movimento da contracultura, marcado por revoluções pessoais relacionadas às experiências de libertação em todos os aspectos de vida: políticos, materiais, sexuais, etc.

A obra foi um retrato da conturbada transição dos anos 80 para o regime democrático, repleto das angústias de uma geração que viveu sob a repressão política de crise cultural e ideológica, que antecipou as frustrações da juventude e o vazio ideológico da década. A coletânea de contos de Caio Fernando Abreu promoveu uma reflexão a respeito do conservadorismo e da opressão que existia (e ainda existe) na sociedade brasileira.

Ao escrever o conto “Além do Ponto”, Caio F. Abreu construiu uma narrativa repleta de fluxo de consciência. O autor trouxe as expectativas de um homem rumo ao encontro de seu amante, e, principalmente, os “bastidores” desse encontro, expondo uma narrativa cheia de seus anseios e de uma fragilidade enorme mediante a um dos maiores sentimentos universais: o amor.

Em três páginas, os personagens transitam por diversos cenários e sensações ao decorrer da narrativa, que se relacionam com o herói descrito por Joseph Campbell, autor de “A jornada do herói”, publicada em 1990, obra que descreve e traz a fórmula presente na construção de quase todas as obras literárias que lemos ao longo da vida. Os 12 passos da jornada do herói classificam-se em: 1) mundo comum; 2) chamado à aventura; 3) recusa do chamado; 4) encontro com o

---

<sup>1</sup> Graduanda em Letras – Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa pela Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS).



mentor; 5) travessia do primeiro limiar, 6) testes, aliados, inimigos; 7) aproximação da caverna oculta; 8) provação; 9) recompensa; 10) caminho de volta; 11) a ressurreição e 12) o retorno com o “elixir”.

Relacionar o herói de Joseph Campbell com o descrito por Caio Fernando Abreu em *Morangos Mofados*, é pensar que a estrutura de um obra depende diretamente ou indiretamente da jornada que o personagem principal irá ter, sendo o mesmo herói ou não. Pensar que o impacto desse personagem mediante ao decorrer da história é grande, deve-se atentar na compreensão de sua jornada.

O herói de Caio F. Abreu se diferencia do de Campbell. Segundo Vogler (1998), as histórias não precisam, necessariamente, seguir a estrutura exata de Campbell – a jornada é flexível e capaz de variações infinitas, sem que sua mágica seja sacrificada: “Cada contador de histórias adapta o padrão mítico a seus propósitos ou às necessidades de sua cultura. É por isso que o herói tem mil faces”. (VOGLER, 1998, p. 27).

O “Chovia, chovia, chovia e eu ia indo por dentro da chuva ao encontro dele, sem guarda-chuva nem nada, eu sempre perdia todos pelos bares.” (ABREU, 2005, p. 24) – neste momento da narrativa, podemos observar um certo “chamado à aventura”, na qual a personagem irá iniciar sua odisseia como os heróis mapeados por Campbell: se trata inicialmente dos primórdios de um encontro que está prestes a acontecer:

O herói mitológico, saindo de sua cabana ou castelo cotidianos, é atraído, levado ou se dirige voluntariamente para o limiar da aventura. Ali encontra um presença sombria que guarda a passagem. O herói pode derrotar essa força, assim como pode fazer um acordo com ela [...]. Além do limiar, então o herói inicia uma jornada por um mundo de forças desconhecidas e, não obstante, estranhamente íntimas, algumas das quais o ameaçam fortemente (provas), ao passo que outras lhe oferecem uma ajuda mágica (auxiliares). Quando chega ao nadir da jornada mitológica, o herói passa pela suprema provação e obtém sua recompensa. (CAMPBELL, 1997, p. 241-242).

No início do conto, Caio F. Abreu já nos apresenta sentimentos que transferem as emoções do personagem. O “chovia”, dito por três vezes seguidas, instantaneamente remete às características da chuva, assim como quão desoladora ela pode ser. Quando o narrador ressalta que o personagem está sem guarda-chuva, visto que sempre os perdia pelos bares da cidade, nota-se o quão sua vontade de encontrar seu amor era maior que seu próprio bem-estar e sua zona de conforto. Nesse primeiro fragmento do conto, o autor consegue trazer uma espécie de memória sinestésica ao relacionar o andar na rua e na chuva, assim como a presença de aspectos naturais como o frio, a umidade no ambiente, nos auxilia no entendimento do cenário descrito.

Antes do encontro, o personagem já idealizava como seria e o que ambos fariam quando finalmente se encontrassem. Mesmo enfrentando obstáculos como a chuva, o frio e sua falta de dinheiro, o personagem estava sempre disposto para



encontrar seu amado. Nesse momento, é onde inicia a grande “aventura” romântica dos dois:

Fumaríamos, beberíamos sem medidas, haveria música, sempre aquelas vozes roucas, aquele sax gemido e o olho dele posto em cima de mim, ducha morna distendendo meus músculos. Mas chovia ainda, meus olhos ardiam de frio, o nariz começava a escorrer, eu limpava com as costas das mãos e o líquido do nariz endurecia logo sobre os pêlos, eu enfiava as mãos avermelhadas no fundo dos bolsos e ia indo, eu ia indo e pulando as poças d’água com as pernas geladas.” (ABREU, 2005, p. 24).

Em todos os momentos no decorrer do conto, o personagem sente necessidade de não transparecer seus problemas, seus sentimentos e suas dificuldades frente à pessoa amada. O autor usa esses elementos que trazem uma aproximação e identificação imediata a outra característica também humana: a mentira:

E fui pensando também que ele ia pensar que eu andava sem dinheiro, chegando a pé naquela chuva toda, e eu andava, estômago dolorido de fome, e eu não queria que ele pensasse que eu andava insone, e eu andava, roxas olheiras, teria que ter cuidado com o lábio inferior ao sorrir, se sorrisse, e quase certamente sim, quando o encontrasse, para que não visse o dente quebrado e pensasse que eu andava relaxando, sem ir ao dentista, e eu andava, e tudo que eu andava fazendo e sendo eu não queria que ele visse nem soubesse, mas depois de pensar isso me deu um desgosto porque fui percebendo, por dentro da chuva, que talvez eu não quisesse que ele soubesse que eu era eu, e eu era.” (ABREU, 2005, p. 25).

O herói de Caio Fernando Abreu, diferentemente do caracterizado por Joseph Campbell, não faz recusa ao seu “chamado à aventura”, muito pelo contrário, ele segue seu destino rumo a essa aventura que é o encontro com quem ama. Nesse herói, nota-se uma certa recusa não ao encontro, mas ao seu próprio ser, visto que, naquele momento, o mais importante para ele seria o parecer.

Muitas vezes ao longo da narrativa, o personagem questionou sua vontade e sua necessidade do encontro, se deveria ou gostaria do que acontecesse em meio ao seu trajeto de ida. Porém, em momento algum, consegue ter forças para desistir, visto que está tomado por sua vontade, desejo e por já estar a ponto de superar qualquer relutância:

Começou a acontecer uma coisa confusa na minha cabeça, essa história de não querer que ele soubesse que eu era eu, encharcado naquela chuva toda que caía, caía, caía e tive vontade de voltar para algum lugar seco e quente, se houvesse, e não lembrava de nenhum, ou parar para sempre ali mesmo naquela esquina cinzenta que eu tentava atravessar sem conseguir, os carros me jogando água e lama ao passar, mas eu não podia, ou podia mas não devia, ou podia mas não queria ou não sabia mais como se parava ou voltava atrás, eu tinha que continuar indo ao encontro dele, que me abriria a porta, o sax gemido ao fundo e quem sabe uma lareira, pinhões, vinho quente com cravo e canela, essas coisas do inverno, e mais ainda, eu





mentor-amante era grande e efervescente, porém, “a porta não abria”, para frustração do personagem. Todo herói, segundo Campbell (1997), deve sair de sua zona de conforto, se aventurar por um ambiente desconhecido, enfrentar diversos obstáculos, sacrifícios e cenários de perigo, até, enfim, conquistar seu objetivo e retornar ao seu mundo conhecido. Uma das principais funções do herói nesse percurso, no entanto, deve ser aprender a crescer.

Ao fim do conto, fica uma sensação de vazio, mas como toda narrativa, não possuímos o poder de interferir no decorrer do texto. Se tudo foi um mero devaneio, que belo! Se foi de fato um encontro idealizado e platônico, talvez esse amor devesse ser melhor correspondido, visto que todo esforço de nosso herói rumo a sua jornada romântica lhe trouxe diversos impasses e sacrifícios, além de diversas vezes, se perder em seus próprios pensamentos ao longo de sua caminhada.

Talvez nosso herói devesse questionar esse seu amor, se vale ou não a pena dedicar tanto do seu pensamento a alguém que não o espere com o imediatismo que merece ao bater na porta. Talvez o fato de bater treze vezes nos traga um pré-conceito de como é esse amor da personagem, que o busca ansiosamente ao longo das três páginas do conto. Também possa ser o autor nos ensinando a apreciar mais a jornada do que a coisa em si, visto que ao trazer esse “herói” que contra seus próprios sentimentos, provavelmente lutou contra o sentimento dos outros também, pois uma relação homoafetiva em meados de uma década e de um cenário naqueles, amar assim é digno de um ato heroico.

## Referências

ABREU, Caio Fernando. **Morangos mofados**. Rio de Janeiro: Agir, 2005.

CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces**. São Paulo: Cultrix, 1997.

VOGLER, Christopher. **A Jornada do Escritor: estruturas míticas para escritores**. Editora Nova Fronteira, 1998.

Recebido em: 04/01/2021  
Aprovado em: 11/02/2021